10.º ANNO QUINTA-FEIRA 16 DE JULHO DE 1891 NUM. 501

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

Aveiro: 100 n.os, 2$000; 50, 1$000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 n.os, 2$250; 50, 1$125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.os (moeda forte), 1$500 réis.—Pagamento adiantado.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

NUMERO AVULSO, 20 REIS

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os srs. assignantes gozam do desconto de 25 p. c.

Administração, rua do Espirito Santo, 71

AVEIRO

SEM REI NEM ROQUE

Vamos marchando ao desbarato. Ninguem sabe o que será do dia de ámanhã. Do dia de ámanhã? Nem sequer do dia de hoje!

Ha uma tontura enorme de cabeças. O desvairamento é geral. Os monarchicos não sabem o que fazem. Os republicanos tambem não. Ha de ser o que Deus quizer e fôr servido. Já o Borda de Agua dizia:—*Deus super omnia!*

Nunca o nivel moral e intellectual do paiz esteve tão baixo como hoje. As sandices brotam de todos os lados. Cada cabeça, cada sentença. As immoralidades alastram-se por todos os partidos. Em absoluto, todos valem o mesmo. Nem intelligencia, nem caracter. Chegamos a isto!

Mas das revoluções, diz-se, é que sahem sempre os homens e os acontecimentos. Ora Deus o queira. Pouco viverá quem o não vir porque a revolução parece-nos inevitavel. Sahirão d'ahi os homens, sahirão d'ahi os acontecimentos? Deus o queira... Por emquanto, são cada vez mais espessas as trévas que nos cercam. Nem uma luz a bruxolear ao longe!

E' certo que ha de haver homens de muita capacidade e de muito valor, quer moral quer intellectualmente falando, capazes de resolver as difficuldades da nação. Mas querem esses homens sahir da paz do seu lar para o inferno da politica? Eis o busilis. Até hoje, a politica tem sido simplesmente o campo d'exploração de todos os maltrapilhos. Sahem da Universidade a uivar de fome. Entram uns pela porta dos influentes das localidades. Entram outros pela porta do jornalismo. Humildesinhos todos elles, ou comecem por gritar contra as instituições, como Sergios de Castro, Arroyos e quejandos, ou comecem por defender acaloradamente no papelucho da localidade as traficancias e a vaidade do capitão-mór; no fim de tempo, eil-os deputados, ministros, grandes funccionarios publicos, maltrapilhos sempre, com o mesmo caracter do primeiro dia, com a mesma consciencia de sempre.

Virão outros homens para o logar d'esses? Sahirão da revolução? Não sabemos. Das revoluções sahem grandes homens, mas tambem sahe muito escumalho. Sahem grandes caracteres e sahem grandes tratantes. E ás vezes não sahem senão tratantes, para escarmento e castigo dos povos.

Os grandes homens, propriamente, não surgem nas revoluções como o anjo no deserto. Os Dantons e os Gambettas já eram conhecidos antes d'ellas. Conhecidos apenas d'um grupo ou de um partido, sem duvida, mas de um grupo ou d'um partido para os quaes já constituiam uma esperança. Quando se diz que os homens surgem nas revoluções não se quer dizer que seja assim á maneira de magica no theatro: —bate-se com o pé no estrado e apparece o portador do talisman. O partido republicano, em Portugal, por exemplo, póde ter homens de muito valor que o paiz desconhece. Quando se revelam esses homens? Nos acontecimentos graves que começam pela revolução. Mas nem por isso deixavam de constituir já antes d'essa occasião uma esperança ou uma garantia para o seu agrupamento. Desconhecia-os a massa geral do paiz. Revelaram-se a todos apoz o momento critico da revolução. E d'ahi se diz: das revoluções surgem muitas vezes grandes homens.

Temos nós em Portugal essas esperanças? Ha no agrupamento democratico d'essas garantias? Ha de haver; mas, para nós, tudo são trévas n'este instante.

O que se vê e o que sabemos é que a sociedade portugueza se esphacela por todos os lados. Intrigas, odios, calumnias, desvairamentos, ambições... Todos querem subir, todos querem mandar. Todos se julgam estadistas, politicos, revolucionarios, homens d'acção. E á força de tanta coisa o paiz afunda-se, a inepcia pullula, a insignificancia fertilisa. E' que o que nos mata é provavelmente a muita abundancia de caracteres e de capacidades. Ha tanta gente de subido merito entre nós, tantos homens d'abnegação e sacrificio que o paiz morre de fartura.

Ha de ser isso. Portugal succumbe a uma indigestão.

PORTUGAL TUTELLADO

The Financial News, jornal inglez, insinúa que mais tarde ou mais cedo uma commissão de credores virá superintender em a nossa administração financeira.

O que, porém, agora não passa de uma torpe insinuação, póde ámanhã revestir o caracter de ameaça.

Embora repugne ao nosso caracter e á nossa dignidade, admittir sequer as malevolas insinuações da imprensa bretã, a verdade dos factos obriga-nos a acceitar como plausivel a violencia de que poderemos ser victima.

O quadro das nossas finanças é profundamente desolador, mas o que é ainda peior e mais o aggrava é o desanimo que se vae apoderando das massas ante a perspectiva de um cataclysmo que se avisinha medonho.

Ha dias que o *Illustrado* anda a declamar contra os republicanos porque estes com a sua propaganda teem provocado o descredito das instituições, por sobre as quaes alijam todas as responsabilidades da nossa situação.

E' o cumulo do desplante e do descaro!

Pois quem são os protogonistas d'esta tragedia medonha que nos ameaça? São os Navarros e os Sergios, que nos seus crimes e desatinos consubstanciam o regimen. Se não fôra a opposição da imprensa republicana que monstruosidades não teriamos ainda hoje a lamentar. E, todavia, os Navarros e os Sergios negociaram as obras do porto de Lisboa, a Salamancada e tantos outros negocios sujos, tudo isto com a sancção do throno que elles pretendem irresponsavel, tudo isto á sombra do regimen que não manda para as galés esses reprobos da sociedade portugueza.

E Portugal a descer, a caminhar para o abysmo, com applauso d'esses que hoje teem o repuguante cynismo de virem pedir-nos contas dos nossos actos!

Pretendeis, agora, procurar esconder os vossos crimes no arruido do desmoronamento nacional? Não vos caracteriseis, que o paiz espreita-vos.

CARTAS D'UM LUNATICO

III

Sr. redactor do POVO DE AVEIRO.

Não recebi noticias suas depois da publicação da minha ultima carta.

Eu por cá vou indo pela lua menos mal. Um pouco isolado pela metamorphose extraordinaria que ultimamente se deu por estas regiões. Os tolos emigraram todos para a terra, onde, segundo consta por aqui, se teem feito grandes figurões. De maneira que fiquei eu sósinho, no meio dos sabios e dos ajuisados. E como estes illustres homens não querem nada com um pobre diabo como eu, vivo n'um isolamento horrivel.

Um dia d'estes tive um sonho que me alegrou um pouco. Sonhei que o dr. Manuel d'Arriaga tinha abandonado a camara, que o dr. Theophilo Braga tinha abandonado o directorio, e que o proprio sr. Francisco Christo, quem diria! havia lançado a penna fóra e que tinham vindo todos para a lua. A substituir na camara o sr. Manuel d'Arriaga ficára o Feio Terenas que se tornára um parlamentar distinctissimo. Revelára inopinadamente uma eloquencia admiravel, que enchia de pasmo as gerações. A erudição, o tom preciso em que falava, o profundissimo estudo das questões, conquistaram-lhe o primeiro logar no parlamento. Era certo que a critica não emudecera perante o grande homem. Chamavam-lhe o *Feio Tretas das Glorias* pelo mau habito de s. ex.ª empregar a cada passo o adjectivo—*glorioso*. Quando falava de Latino Coelho dizia—o glorioso deputado...; de José Elias,—o glorioso extincto...; de Magalhães Lima,—o glorioso chefe...; da *Revolução de Janeiro*,—o *glorioso jornal que eu tenho a honra de dirigir...*; e até uma vez, tão mau era o habito do adjectivo, chamára gloriosa á carteira onde s. ex.ª conservava os seus papeis. Quanto ao *Tretas*, havia-se lançado mão d'uma brejeirice para ridicularisar o famoso deputado. Dizia-se que o bisavó de s. ex.ª era um pobre homem do campo conhecido entre os seus compatricios pelo *Tretas*, em virtude de ser muito paroleiro e chicaneiro, apezar de honrado e bom homem. O avô, para supprimir o mau effeito de *Tretas*, mudára uma lettra na palavra, palavra que no singular significa guita ou cordel e ficára o *Trenas*. E s. ex.ª, para mais afidalgar o nome e acabar com a *guita*, accrescentára outra lettra ficando o Terenas. Mas, accrescentavam, no fundo ficou sendo sempre o *Tretas*.

A critica é injusta e cruel como se sabe. Custaria muito a supportar se não fôra apanagio de grandes homens. Sendo-o, Feio Terenas só tinha que se orgulhar com ella sem que em coisa alguma desmerecesse do seu altissimo valor.

No directorio ficára o Anselmo de Sousa, o Hygino dicto, o Gil Carneiro, o Gomes da Silva e o Perry Vidal. Para presidente do conselho (não esquecer que estavamos em vesperas de republica) reservava-se o successor de José Elias Garcia, Teixeira de Queiroz, que nomeava ministro da fazenda um dos directores de uma das fabricas d'algodões; e ministro da marinha Marianno de Carvalho, o qual, pela influencia moral que exerce sobre Teixeira de Queiroz, é que ficava sendo o verdadeiro presidente do conselho.

Embaixador em Londres ficava o Magalhães Lima, em Paris o Anselmo Xavier e em Berlim o Nunes da Matta.

Eugenio da Silveira, illustre desde as *Cartas d'uma Freira* e a *Historia do Zé das Saias*, vira engrandecer o seu nome quando tomára com os dedos medida ao angulo facial do Louzeiro, na audiencia de Serpa, e era o futuro jornalista da Republica e ornamento do paiz. O mais emigrára tudo, com Theophilo Braga á frente, para estes sitios. E apezar da minha insignificancia eu alegrava-me com a idéa de que os homens do meu antigo conhecimento se dignariam privar com aquelle que apezar de ser o ultimo dos tolos fôra o primeiro que tinha visto a necessidade de deixar a Terra aos Terenas e aos Silveiras para emigrar para a Lua.

Um sonho no fim de contas. Cahi na realidade quando acordei e fiquei triste como d'antes.

Entretanto, sr. redactor, se o canudo, por onde vejo a terra, me não engana, passam-se ahi coisas que justificam e que explicam bem o meu sonho.

Um dia d'estes, por exemplo, debateu-se nas camaras uma coisa a que chamaram o *Tratado de Lunda*. Era, pelo visto, um tratado mais vergonhoso, e tão prejudicial pelo menos, que o tratado inglez. Apezar d'isso o paiz não se commoveu; a tudo ficou immovel e silencioso. Apenas José Falcão soltou um grito de dôr na *Vanguarda* e Manuel d'Arriaga ergueu a sua voz de protesto na camara.

Pobre do meu amigo Arriaga! Ainda lhe chamaram rhetorico, declamador e tolo por cima. O *Seculo*, no dia seguinte, mal teve umas referencias ligeiras ao seu eloquente discurso. E isso para o publico. Lá para dentro, para os bastidores, o deputado por Lisboa é um ideologo, um lunatico, um maluco.

O meu pobre amigo bem se mata a sacrificar os seus interesses e a sua saude. Bem se esfalfa na camara a protestar contra todos os escandalos. Elle, sósinho, sempre na brecha, sempre no combate! E o Silva Graça lá está na casa de prégo recebendo o resultado de tantos sacrificios e trabalhos, para mandar, ainda por cima, descompôr o deputado por Lisboa ou outro qualquer que seja tão sincero e de tanta abnegação como elle. E o Leão d'Oliveira apparecerá para estender a mão, no fim do anno, aos dez contos de réis que lhe pertencem como proprietario do *Seculo*. E os espertos são elles e os malucos são os Arriagas! E se os Arriagas se queixam saltam logo os papeis republicanos a gritar, d'um extremo ao outro do paiz: —*nada de dissidencias, Republicanos, unir fileiras.*

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*, eu bem sei que sou um verme que rasteja junto aos pés dos luminares da minha terra. De nada vale o que eu digo. Ah! mas deixe-me desafogar em gritos de revolta a indignação que me vae dentro do peito pelo tristissimo espectaculo que o partido republicano em Portugal está dando á historia. Só agora eu comprehendo essa tenacidade em azorragar, essa furia de combate com que o redactor do *Povo de Aveiro* mais do que uma occasião se assignalou no jornalismo portuguez. Emquanto eu não olhei, não vi. Ha muita gente assim, que não vê á força de não querer olhar. Emquanto eu não olhei; emquanto eu não vi, não gostei da attitude do *Povo de Aveiro*. Hoje, se não tenho temperamento para cahir com extrema violencia sobre certos homens e sobre certas coisas, comprehendo ao menos muito bem como se possa chegar a certos extremos e a certas violencias.

Bem sei que me hão de chamar vendido. Bem sei que me hão de perguntar, como se tem perguntado a outros tantas vezes, porque escolho os republicanos de preferencia aos monarchicos para as minhas criticas. A esta pergunta responderei que sendo o meu fim moralisar nada tenho que fazer n'aquillo que é insusceptivel de todos os ensinamentos e de todas as moralisações. A monarchia está mais do que morta; está corrompida até aos ossos. Nós, os criticos, já não temos nada que fazer alli. Os homens d'acção que a enterrem. O partido republicano, pelo contrario, sendo um partido que surge em nome da honestidade e da moralidade publica, tem que ser honesto e moral para corresponder ao seu fim. E então tudo que seja cauterisar-lhe a gangrena que comece, castigar-lhe os erros, ensinar-lhe o bom caminho, moralisal-o emfim, é um serviço prestado, não a elle se elle assim o quizer e isso pouco nos importa, e se elle o quizer é porque tenciona marchar na senda em que têm vindo todos os bandos n'esta terra, não a elle mas á patria e á sociedade portugueza que estão acima de todos os interesses de facção ou de partido.

Quanto á circumstancia de me poderem chamar vendido, além da vibora n'esse ponto estar desdentada á força de morder, elixir gasto de ha muito pelos tartufos, direi que dou, mesmo da lua onde vivo, auctoridade a todos os republicanos para me chamarem tal quando correrem com todas as devassidões e todos os devas-

sos do seu partido. Então sim. Emquanto eu os vir, porém, de braço dado com os devassos e ransigindo com as devassidões, essa accusação, lançada a mim ou a qualquer outro, é simplesmente a furia da meretriz contra a mulher honrada quando esta resiste a todas as seducções e a todos os ardis que aquella lhe prepara para a chamar ao vicio e á degradação ou quando, altiva da sua honra e serena na sua consciencia, increpa a outra pela infamia em que vive. Pretender-se que se calem as immoralidades só porque os immoraes se chamam republicanos, não admittir que aquelles que trabalham se queixem das injustiças que lhes fazem, é um principio que não admitto em caso nenhum porque seria o mesmo que sancionar essas immoralidades e injustiças. Saiba-se quem tem direito ao reconhecimento do partido, quem trabalha, quem é que procede com correcção, quem são os dignos, quem são os honestos e apoiem-se estes como deve ser repellindo os contrarios. D'outro modo lembrarei o que se dizia na minha terra antes de eu vir para a lua:

Tão ladrão é o que vae á vinha como o que fica ao portal.

E na carta seguinte voltarei á questão de Lunda e ao que se passou nas camaras sobre o assumpto, que não deixa de ser curiosissimo.

Lisboa, 14—7—91.

L. M.

O discurso do sr. Arriaga

(Continuado do n.º 500)

Sr. presidente, parece que é uma cousa platonica appellar para as nações da Europa; mas supponho que laboram n'um grave erro os que assim pensam. A Africa, verdadeiramente, só agora é que se levantou como um problema de uma grandeza enorme e singular aos olhos das nações cultas. A Africa tem sido até agora o continente negro e mysterioso, do qual todos fugiam; mas hoje esse continente está sendo o alvo onde atiram as ambições do mundo. A Africa, srs. deputados, que nem por nós foi estudada e comprehendida devidamente n'um longo periodo de tres seculos, a Africa surge hoje como uma especie de *Eldorado dos povos*, um manancial inexgotavel de riquezas, tão occultas talvez quanto imaginadas!...

A Gran-Bretanha, sentinella avançada na civilisação do mundo, suprema sabedora das fraquezas dos mais povos, methodicamente administrada, sabiamente mantida, fóra da Europa continental, tem sido a astuta exploradora do animo generoso e fidalgo e de todos os vicios que outros dizem ser as virtudes da nossa raça!...

A Inglaterra tem já tomado os quatro pontos cardeaes do grande continente negro. Está na posse do Egypto, do grande e mysterioso rio Nylo, cujas aguas como que descem em demanda dos grandes mares interiores Victoria Nyanza, Tanganika, Nyassa e outros, até entrar nas do Chire e do Zambeze, cuja embocadura já entregámos á nossa implacavel competidora e secular inimiga para por ella chegar ao encontro das suas formidaveis esquadras!

Senhora do Nylo, dos Lagos, do Chire, do Zambeze, da Colonia do Cabo e do Niger; senhora emfim, do plan'alto de Manica e de todas as zonas auriferas que nos cobiçava, é o mesmo que tornal-a senhora da Africa e a arbitra do mundo!

A Inglaterra, senhora de Africa e senhora dos mares, nas condições de riqueza e prosperidade em que ainda hoje se encontra, quando mesmo venha a perder a India, provocará com a sua grandeza e poderio collossaes um grande desequilibrio na politica da Europa.

Até agora aterrava o mundo civilisado, como um espectro medonho, a grandeza descomunal da Russia.

Se vingar a politica da Inglaterra de se apossar da Africa: a senhora dos mares, a carcereira do Meditarraneo que do alto do ilheu de Gibraltar, astuta e vigilante, domina o oriente e o occidente, ella a rival da Russia, passará a ser o segundo espectro do mundo!

Se os seus inimigos seculares a temem, se pelo proprio instincto de conservação, vêem-se forçados a conter-lhe os projectos audaciosos: eis chegado o momento opportuno de fazer-lhe frente, e eisnos outra vez, nação pequena e depauperada, convertidos em instrumento seguro de uma alta justiça.

N'um celebre artigo com a epigraphe *A partilha da Africa*, que foi publicado na *Nouvelle Revue*, e que o *Jornal do Commercio* reproduziu, o seu auctor, com a intuição de um verdadeiro philosopho e estadista, chama a attenção do mundo politico sobre os perigos que póde acarretar comsigo a alteração da carta geographica do continente negro, se a Inglaterra se apossar dos nossos vastos dominios africanos.

Alli se mostra como está nas mãos d'este pequeno paiz embaraçar-lhe a invasão. Este pequeno povo que enriqueceu outr'ora o mundo, dando-lhe mundos, tem ainda hoje nas suas mãos a chave de um grande problema. E' lastima que não se saiba servir d'ella?!...

Será triste, será incomprehensivel que a vamos entregar ao nosso maior e mais implacavel inimigo!

(Continúa.)

COMMERCIO DE VINHO

Na imprensa principia a debater-se com energia a importantissima questão vinicola, aggravada recentemente pelo augmento das tarifas aduaneiras que a França acaba de pôr em execução para o vinho que se importar n'aquelle paiz.

As tarifas são duas: a geral e a minima, sendo o imposto como se vê da seguinte tabella:

	GERAL	MINIMA
Até 11.º inclusivè, por grau.	1,20	0,70
12.º	15,96	9,96
13.º	18,72	12,22
14.º	21,48	14.48
15.º	24,24	16,74
16.º	27,00	19,00
17.º	29,76	21,26
18.º	32,52	23,52

A unidade sobre que incide o imposto é o hectolitro.

A industria vinicola vae soffrer um grande golpe, se os poderes publicos não ligarem ao assumpto a attenção que elle merece.

OS 45:000 CONTOS

Falla o sr. visconde de Moreira de Rey, na camara dos pares. Estava-se discutindo o projecto de lei auctorisando o governo a contrahir um emprestimo de 7:200 contos para cunhar moeda, isto pouco depois de estar liquidado o enorme emprestimo de 45:000 contos.

O illustre titular, assediando o governo, estranha:

.....

"Apenas o emprestimo de 45:000 contos de réis effectivo, que se dizia asseguraria uma vida larga e folgada, foi votado, parece que foi a causa da fugida da moeda metallica do paiz, e das difficuldades que nos teem assoberbado internamente, e nos teem desacreditado lá fóra.

"Ignora se ha o proposito de desenganar á força de lições crueis os crentes mais convictos do systema representativo, e leval-os a procurar outra fórma de governo; mas a não haver esse proposito, é indispensavel que as cedulas não se emittam sem se dizer o que se fez do emprestimo de 45:000 contos de réis, pagaveis em ouro, e não em papel ou em prata; e dizer tambem qual foi a circumstancia extraordinaria que de repente, depois do maior emprestimo contrahido por Portugal, transformou em pobreza franciscana o annuncio e promessa de que todas as difficuldades desappareciam com a realisação d'esse emprestimo.„

Mestre Sergio era capaz de responder que foram os republicanos quem fez desapparecer todo esse dinheiro.

CARTAS

LISBOA

14 de Julho.

Terminou a moratoria e já sabem os leitores a estas horas, pelas publicações diarias de todas as procedencias, quaes foram as resoluções do governo. O decreto relativo ás notas do banco de Portugal causou pessima impressão e nem era d'esperar outra coisa. Desde que o banco fique com o *direito* de pagar as notas quando lhe aprouver, está lançada a perturbação nas relações economicas e da maneira mais deploravel de todas. Que o governo prolongasse a moratoria para as notas por um praso determinado, comprehendia-se. Havia muito que discutir n'uma resolução d'essas mas, sequer ao menos, ainda era discutivel. O escandalo, porém, que se commetteu está fóra de todos os debates. Só ha que o repellir em absoluto.

Toda a gente se admira, e com justificados motivos, dos tristes expedientes do sr. Marianno de Carvalho. Até eu, mais não sou suspeito. Sempre disse que o sr. Marianno de Carvalho não era um ministro reformador e de largo folego. Que era mais um habilidoso do que outra coisa. Essa foi sempre a minha opinião antiga e moderna, que ainda n'outro dia expendi quando o *Seculo* e a *Folha do Povo* quebravam lanças pela entrada do redactor do *Popular* no ministerio da fazenda. Entretanto, como homem d'expedientes o sr. Marianno de Carvalho foi sempre tido como muito habil e n'essa conta o tinha eu tambem. Agora, porém, revela-se muito abaixo d'essa reputação. Quando se esperava que o ministro da fazenda tivesse artes para lançar por alguns mezes poeira nos olhos do publico, apparece s. ex.ª com uns remedios ridiculos, que são de verdadeiro charlatão.

E' um desastre para a reputação do *famoso* financeiro. E ainda bem, porque é mais um *fetiche* que se vae.

De resto, a situação caminha de mal a peior. E' possivel que melhore breve. Se é certo o governo ter mandado cunhar grande quantidade de moeda de prata e se melhorar o cambio do Brazil é possivel que as difficuldades se removam por alguns mezes. Mesmo porque em Portugal ainda ha muito dinheiro. Se não fosse a desconfiança politica, a incerteza pelo dia de ámanhã, a instabilidade das instituições politicas, o mal não se tinha aggravado tanto. Todavia, o facto das condições melhorarem, a realisar-se, não representa senão um adiamento. Com o actual systema de coisas vae tudo ao fundo. Sem um cataclysmo, ou uma mudança d'instituições, não ha meio de pôr termo á febre do funccionalismo, dos syndicatos, do devorismo, emfim, que nos mata. Por emquanto, o systema é roubar, roubar, roubar. A monarchia não encontra mesmo, sem isso, quem a sirva. E' como um criminoso que ou ha de curvar a cabeça deante dos cumplices ou elles o denunciam levando-o á forca. E, n'estas condições, só acabando com a monarchia será possivel entrar n'outro caminho. Não digo que seja certo. Digo que é possivel. E com a mesma franqueza com que me exprimo assim, com a mesma franqueza dou por inteiramente impossivel qualquer melhoria séria de situação dentro do regimen actual. Póde ser que a Republica não seja melhor do que isto. Em todo o caso, é um dever experimentar desde que o que nós conhecemos se tornou insupportavel além de não ter remedio nenhum.

— E' hoje o anniversario da gloriosa revolução de 1789, que principiando por derrnir a Bastilha, o maior instrumento do despotismo real em França, terminou pela proclamação da Republica, da qual irradiou a liberdade para a maior parte dos paizes da Europa. Foi tão extraordinario esse periodo revolucionario, tão notaveis os seus resultados, tão grandes os seus homens, que, ao pé d'isso, é miseravel e mesquinho tudo quanto se tem feito. Curvemo-nos perante a recordação d'aquelle grande facto e aprendâmos alli a amar os principios, sem mescla da torpe especulação com que muitos bandidos os procuram deshonrar sob a egide da propria Republica.

Y.

ALBERGARIA VELHA

13 de Julho.

Isto vae muito mal. N'um paiz onde ha uma falta tão sensivel de criterio politico e bom senso administrativo, onde os governos pouco mais tem feito do que dispender á farta as energias nacionaes em expedientes de secretaria e em ignobeis tricas eleitoraes para se aguentarem no balanço, urge mais do que nunca que o povo se imponha em massa, e por um enorme esforço de solidariedade enxote os parasitas que enxovalham o paiz proclamando a Republica, remedio unico, supremo, providencial que ainda póde ter mão n'um moribundo prestes a rolar de tombo em tombo no precipicio final.

Incontestavelmente chegámos a um periodo dolorosissimo. Estamos sob o imperio dos especuladem de seguir para a ilha de França com La Bourdonnais, e de acompanhar este official ás Indias.

O nome da India, para elle, marquez, sempre tivera o quer que fosse de magico; este paiz desenhava-se-lhe na mente como uma terra cheia de mysterios, creação superior, obra prima da natureza, paraiso primordial onde a humanidade desabrochára e crescera, alastrando a trasbordar. E elle, amava essa terra, sem ainda a conhecer, como se fosse a sua patria, havendo, talvez, n'esse excentrico amor, o vago pressentimento que seria alli que o seu destino tinha a cumprir-se.

Espirito investigador, soffrego e ardente, habituado ao estudo, que o não cançava, empregára os longos mezes de estação, em que as vagas o baloiçavam, a bordo, como n'um berço, a aprender, com verdadeiro enthusiasmo, a lingua da India.

(Continúa.)

---

5 FOLHETIM

JUDITH GAUTIER

A CONQUISTA DO PARAISO

I

O desembarque

A cidade jaz na maior consternação.

No dia seguinte, os inglezes teem ainda um momento de esperança e de alegria á noticia que corre de bocca em bocca de estar á vista a esquadra commandada pelo commodoro Peyton. Os francezes apressam o ataque, mas o boato não se confirma, véla alguma apparece ao largo.

Finalmente, a 21, a cidade rende-se á discrição. Merencorio e com ares de dignidade, o governador Morse foi solemnemente entregar as chaves ao sr. La Bourdonnais.

Abre-se a porta de Walgeret, desce a ponte levadiça e os francezes fazem a sua entrada em Madrasta. Substituem-se as sentinellas, e em pouco a bandeira branca é içada no forte S. Jorge com a assistencia de toda a tropa e com todas as formalidades do estylo.

A guarnição e residentes britannicos são declarados prisioneiros de guerra, todos os generos armazenados, livros de escripturação, arsenaes, embarcações, munições de guerra, e todas as propriedades pertencentes á Companhia, são entregues aos francezes; além d'isto, tambem objectos de ouro e prata, e outros valores encerrados na cidade e forte. Com esta condição, por cortezia e pura generosidade, o commandante francez isentou a cidade da pilhagem.

A voz da artilheria emmudeceu, as bombas cessaram de cahir nas ruas e praças, ainda ha pouco êrmas, e agora animadas de uma multidão de gente que discute os acontecimentos.

Esta victoria tão completa custou poucas victimas, apenas um só homem á França, e aos sitiados grande numero de feridos, além de seis mortos. Assim, emquanto a população negra rejubila de estar fóra de perigo, os inglezes murmuram muito, e alguns gritam bem alto que o governador Morse e os membros do conselho merecem ser enforcados por terem despresado os trabalhos de defeza e entregado a praça com uma vergonhosa precipitação.

De hora a hora, boatos e novas passam como uma onda sobre os vencidos. O sr. de la Bourdonnais esta conferenciando secretamente com o governador.

Sabe-se que Nicolau Morse tem habilidade e feitio para negociatas e transacções, e talvez o seu genio mercantil descubra o meio facil de attenuar de alguma maneira o desastre que elle e a Inglaterra acabam de soffrer.

Falla-se muito a este respeito, as discussões são acaloradas, por todas as ruas agrupamentos numerosos tratam agitadamente d'este assumpto; emquanto os marinheiros francezes, occupando vigilantes os seus postos de honra, olham para as multidões escutando uma lingua que não comprehendem, com ar socegado e indifferente.

II

O marquez Carlos de Bussy

O marquez tinha, então, vinte cinco annos. Fidalgo de velha nobreza, sem mais fortuna que o bom nome heraldico dos seus avoengos, nascera n'um vetusto castello de Bussy, perto de Soissons. O pae, José Patessier, marquez de Bussy-Castelnau, morrera em 1724, deixando dois filhinhos, e uma viuva, senhora ainda nova, condemnada por falta de meios a não sahir da provincia. Apoz muito carpir as saudades do marido, a marqueza acabára por se resignar com a sua sorte, e, fazendo completo sacrificio da sua mocidade, consagrára-se, de todo, á educação das creanças, e devido aos seus cuidados e disvellos recebiam-n'a condigna da sua elevada gerarchia. Em vinte annos de constantes e reguladas economias poude a virtuosa dama mandar para Pariz o filho mais velho, o Carlos, e quando este chegou á idade propria requereu, para elle, ao rei, uma patente na armada.

O diploma não foi logo passado, e emquantó se demorou o gentil rapaz, entregue a todas as seducções da grande capital, acabou de derreter o ultimo soldo do pequeno patrimonio que herdára.

Em boa hora vinha, pois, a or-

ladores e egoistas desalmados, os unicos que lucram e se esforçam porque continúe o nosso descredito, que já é enorme. Somos como um ricaço de nomeada, quasi arruinado, que vae perdendo o prestigio ao passo que vae ficando sem dinheiro. O retrahimento, a desconfiança, a incerteza, a falta de auctoridade dos cabecilhas da monarchia, que estão totalmente desacreditados, mas ainda com o arreganho da impotencia resaibiada; as tremendas traficancias, as concessões insólitas, as ganancias audaciosas, os syndicatos absorventes, os subornos desavergonhados, a casa real recebendo illegalmente muito mais do que lhe faculta a lista civil, tudo isto de mãos dadas póz de pé a pesada crise monetaria com que nos vemos a braços.

Eu olho com espanto sobrepujado pela indignação, por um espirito de revolta mal contido, para este ruinoso estado de coisas, que é um passo avantajado e seguro para a Republica; mas infelizmente, quando ella se levantar, talvez não abrace mais do que o cadaver da patria. Oxalá, quando o novo sol da nova redempção despontar no horisonte d'este paiz, não venha assistir aos funeraes d'uma nacionalidade.

—Segundo uma especie de prospecto que foi distribuido, annuncia-se a apparição d'um jornal n'esta villa com o titulo de *O Clamor*. Diz que vem para defender os interesses e bom nome d'esta comarca. São seus directores principaes os srs. padre João de Oliveira e Luiz de Rezende.

—Dizia ha dias na *Democracia da Beira* o correspondente de Lisboa que não estava satisfeito com o directorio do partido republicano, que elle não dava signal de vida, etc. Não gostam do directorio? Certamente querem que elle opere milagres ou faça tolices. Mas o directorio não deve fazer a revolução com elementos contraproducentes e duvidosos, sob pena de passar a pôr na rua o segundo acto da mallograda revolta do Porto; o directorio tem a energia sufficiente alliada a uma fina prudencia, o que constitue uma virtude revolucionaria das mais raras e qualificadas. E' preciso reflexão para operar e certeza no braço para ferir com exito. Deixemo-nos de velleidades romanescas e de impetos revolucionarios intempestivos, que a revolução virá quando tiver de vir, pelo mais curto dos caminhos e pela mais valente e patriotica das iniciativas. Só não está satisfeito com o directorio quem é especulador por indole partidaria ou por um mal contido despeito pessoal. Será bom que os pés se não comecem a agitar vivamente sem o consenso pratico da cabeça mandante. Do contrario iremos muito mal. Ponham os olhos na desastrada revolta de janeiro e emendemo-nos.

—Tem passado bastante incommodado o sr. Patricio Alvares Ferreira, cavalheiro bemquisto e que por diversas vezes tem sido administrador do concelho nas situações regeneradoras.

—Partiu para Braga o nosso amigo, o sr. Eduardo Augusto de Mattos, contador d'esta comarca.

B.

NOTICIARIO

CRISE MONETARIA

Cada vez abunda mais o papel-moeda, escasseando o metal.

Na ultima semana todos os operarios empregados nas obras e nas fabricas receberam as ferias em papel. Muitos não queriam receber, mas sempre se submetteram á fatalidade da crise, levantando um côro de imprecações.

Os operarios queriam mandar á praça e não tinham dinheiro que podesse ser acceite nos pequenos gastos que fazem. Cada um poz em campo os seus esforços para trocar o papel e poderem *governar-se*. Na segunda-feira havia em circulação grande quantidade de notas principalmente de 2$500 réis.

O sr. director do correio d'esta cidade attendeu á observação que ha tempo aqui fizemos: já mandou collocar nos marcos postaes o nota indicando as horas a que é tirada a correspondencia.

O hymno da Carta

Um grupo de rapazes projecta dar outra tourada, mas o sr. governador civil não dá licença para o espectaculo sem os rapazes se comprometterem a que a phylarmonica toque... o hymno da Carta!

Por mais respeito que tenhâmos pelo caracter do sr. governador civil, não podemos deixar de estranhar com tédio a risivel exigencia.

Por amor do respeito á entidade official, não se exponha s. ex.ª ao desdem do publico que começa a apreial-o de risota.

Providencia militar

O sr. ministro da guerra determinou que podem ser concedidas licenças registradas, até 30 dias, ás praças que tiverem concluido a instrucção de recruta, embora não tenham ainda feito 3 mezes de serviço, não podendo, porém, gosar nova licença sem que tenham feito os referidos tres mezes de serviço.

CHEGA O CASTIGO

Todos repellem o padre Lemos, o denunciante do capitão Leitão. Hontem era o prior de Santos-o-Velho, de Lisboa, que o exorcismava da sua freguezia, onde o governo tentou collocal-o no lugar de coadjuctor, como premio da denuncia;—hoje são os parochianos de Santa Engracia, para onde o padre foi alijado, que o não querem na sua freguezia, tendo para isso reunido ante-hontem, a fim de protestarem contra a nomeação do padre Lemos.

Anda aos tombos, o misero padre.

Governador civil de Aveiro

Falla-se em que será transferido para Aveiro o governador civil de Leiria.

A emigração portugueza para a America do Norte

O periodico de Nova York, *The Daily Mercury*, de 25 de maio, dá algumas informações ácerca da emigração portugueza que para alli tem ultimamente affluido em grande escala.

Começam agora a chegar a este porto—escreve aquelle jornal—consideraveis levas de emigrantes do reino de Portugal, paiz, que, em tempos passados, poucos subditos enviava para os Estados-Unidos.

No escriptorio da agencia da emigração n'esta cidade, quarta-feira passada achavam-se 493 portuguezes, todos passageiros do porão, recentemente chegados n'um dos vapores europeus.

Esta é a segunda leva de emigrantes portuguezes, que dentro em poucas semanas aqui tem aportado.

O vapor *Vega* não ha muito ainda que conduziu a seu bordo 385, e sabe-se que ainda mais se esperam durante o presente anno.

Tanto homens, como mulheres, ao desembarcarem, trajavam á moda do seu paiz natal, e nos diversos grupos que formavam no escriptorio da agencia, apresentavam-se mais pittorescos e garbosos, que quaesquer outros emigrantes, dos demais paizes europeus.

Eram d'uma constituição robusta, expressão funda, côr trigueira, e via-se claramente que possuiam os caracteristicos da antiga raça lusitana. Não houve obstaculos a passarem pelas mãos dos inspectores, e foram devidamente registrados.

Quasi todos os portuguezes que até aqui teem desembarcado n'esta cidade, teem seguido para a California, onde encontram facil emprego no cultivo das vinhas e preparação do vinho.

Os proprietarios de longos terrenos de vinhedos nos planos de Santa Barbara, teem experimentado apresentar nos mercados d'este paiz, vinhos eguaes aos produzidos em Portugal até aqui, porém os seus esforços não teem sido coroados dos desejados successos.

Não lhes tem sido possivel obter trabalhadores competentes e habilitados, conhecedores dos processos de preparar os vinhos, desde as pódas das vinhas, ás vindimas e ainda á fermentação e exposição nos mercados.

E' principalmente n'este ramo de industria que os portuguezes emigrantes se empregam na California.

Em que ficâmos?

As *Novidades*, varrendo a testada do seu director politico, dizem que nas obras do Bussaco se não chegaram a gastar 100 contos.

Agora, apparece-nos o *Tempo*, que é muito da intimidade das *Novidades*, e diz que estas mentem, e que nas referidas obras se consumiram mais de 200 contos.

Em que ficâmos?

Despachos de obras publicas

Para substituir o sr. Ribeiro na direcção das obras publicas n'este districto foi nomeado o sr. Leonardo de Castro Freire, que já tomou posse.

—O engenheiro nosso conterraneo sr. Antonio José de Sá foi addido á direcção das obras publicas de Aveiro.

Acha-se preso o coveiro do cemiterio de Rio Maior, conhecido pelo nome de José Coveiro, de 22 annos de idade, pelo crime de desenterrar os cadaveres para os despojar do fato, roupas e joias.

Na prisão confessou tudo com cynismo revoltante, dizendo que os mortos não careciam de roupa como elle, e por isso, visto a sua miseria, preferia despojal-os a roubar os vivos.

A propria camisa que trazia vestida na occasião de ser preso, pertencera a um cadaver, como descaradamente confessou!

Dando-se-lhe busca á casa encontrou-se-lhe dentro de um armario uma trouxa de roupa branca e uma porção de fato, tudo pertencente a cadaveres por elle exhumados.

D'estes objectos tencionava vender uns, e guardar outros para uso proprio.

SALVA BRAVA

O «novo» tabaco já chegou tambem a Aveiro, vindo do Algarve. A tripulação dos cahiques que ahi estão com pesca só fuma d'esse «tabaco», e no bairro piscatorio principia a ser uzado de mistura com o verdadeiro tabaco.

Como consequencia, o consumo nos estanques, que se conservava estacionario depois do ultimo *ukase* dos monopolistas, principia a decrescer mais. Dos depositos póde-se dizer que são insignificantes as transacções.

A ganancia illudiu os monopolistas nas suas miragens *douradas*.

Eis, pois, a gravissima consequencia de um erro. E dizemos gravissima, porque o mal que hoje os affecta, ha de reflectir-se no futuro da mais importante receita publica. E o governo não olha para isto, porque já não vê ou não quer vêr: quando o doente está nos paroxismos abandona-se ao acaso. E' o que está succedendo com a monarchia.

Mas o paiz é que não póde nem deve deixar de pedir-lhe severas contas d'esta grande responsabilidade.

Tourada

Realisa-se no proximo domingo, na praça do Rocio, uma tourada pelo grupo de amadores d'esta cidade, coadjuvados pelo sr. Antonio da Costa.

Assiste a phylarmonica Ilhavense, com hymno da Carta e tudo...

Os *elixires* financeiros do sr. Marianno foram impotentes para debellar a crise, se é que não a aggravaram mais.

O salvador cahiu do pedestal, e a nação caminha para o abysmo.

O financeiro desacreditou-se, e os seus famosos elixires de longa vida não passavam de charlatanice de feira.

Proezas do commissario de policia

Sob esta epigraphe démos ha dias uma noticia que merece uma ligeira rectificação depois das minuciosas informações que colhemos de fonte segura.

Como não accusâmos por systema, não temos duvida em rectificar que o preso a que nos referimos no jornal de 9 do corrente teve alguns soccorros que lhe foram abonados extra-officialmente pela policia; mas não tantos que não necessitasse dos que o carcereiro lhe ministrou á sua custa.

No entanto sustentâmos a accusação de que o sr. commissario de policia não está isento de culpa, porque não é novo o facto de conservar presos individuos sem lhe mandar dar sustento. Se não está para isso auctorisado, tem na sua mão recursos para prevenir esses casos, e até hoje ainda não ligou a isso nenhuma importancia.

José Estevão

Falla-se em que por iniciativa de um grupo de artistas e offerecida pelos mesmos, vae ser deposta uma corôa de bronze no pedestal da estatua de José Estevão, e que o acto será celebrado com solemnidade.

Falleceu no Porto o abastado capitalista sr. Bruno Alves Nobre, cuja fortuna se calcula em mais de 300 contos. No testamento, entre outras disposições, ha a seguinte:

Deixa 80:000$000 réis á Escola Medico-Cirurgica do Porto, com a condição de sustentar 12 alumnos tirados dos asylos de infancia do Porto e provincia do Minho, dando a cada um 400 réis por dia, e até 50$000 réis para matriculas de cada anno, e livros, sendo um terço dos alumnos do sexo feminino, podendo todos seguir o curso que quizerem sem dependencia de pessoa alguma. Para ter direito a ser pensionista é preciso ter dois annos de residencia pelo menos em um asylo, ter approvação em instrucção primaria, por cuja classificação serão escolhidos e preferidos. Se algum fôr injustamente preterido, tem a Escola Medico-Cirurgica de lhe dar 1:000$000 réis de indemnisação, quando tenha chegado aos 22 annos. Tem obrigação o alumno de seguir um curso com regular aproveitamento escolar e usar o appellido do testador—Nobre.

Acha-se em Aveiro a ex.ma sr.ª D. Paula de Magalhães.

CONTRABANDO

Em a noite de ante-hontem para hontem travou-se, cerca do posto da Estrada-nova, grave desordem entre guardas municipaes e contrabandistas.

Estes poderam escapar-se deixando no campo dois carros, sendo um com vinho e outro com carne de vacca. Um dos guardas, Antonio Lérias, ficou muito ferido na cabeça, sendo conduzido á cama, onde ainda se acha em tratamento.

Notas... por agua abaixo

Um lavrador da freguezia de Gondiães, concelho de Villa Verde, vendeu uma junta de bois e pagaram-lhe com quatro notas de 20$000 réis cada uma. Embrulhou-as n'um lenço e guardou este na jaqueta domingueira. No dia seguinte, de madrugada, a mulher passa revista aos bolsos da jaqueta e entende que precisa de varrella o lenço que continha as notas. Não dá pelo embrulho e atira com o lenço e notas para o cesto da roupa suja. Vae lavar... e d'alli a alguns minutos o valor d'uma junta de bois estava reduzido a farrapos.

Imaginem o desespero dos pobres lavradores!

COMMERCIO

Inscripções

PARIZ, 14.—3 0|0 portuguez, 43,12.

LONDRES, 14—3 0|0 portuguez, 43,25.

LISBOA.—49,90.

Cambio

RIO DE JANEIRO, 9.—Sobre Londres, 17 1|4, com tendencia para baixa.

Indicações uteis

HORARIO DOS COMBOYOS

(Estação de Aveiro)

Comboyos ascendentes:—Chegada do mixto n.º 1, ás 6,24 da tarde; do correio n.º 3, ás 5,18 da manhã; e do mixto n.º 5 (expresso), ás 6,59 da manhã.

Descendentes:—Chegada do mixto n.º 2, ás 11,24 da manhã; do correio n.º 4, ás 9,28 da noite; e do mixto n.º 6 (expresso), ás 5,11 da tarde.

HORAS DE OCIO

Charadas novissimas

Ha uma nota que se come para desgastar—1—2.

Como eu engordo no Minho com esta fructa!—2—1.

Encontrareis em todas as casas, no solo e nas egrejas—2—1.

Esta nota posta aqui fica tão util!—1—1.

Aveiro.

TA-COS.

Explicação das charadas do numero de quinta-feira:—Apreciar.—Alicate.—Cortinado.

Explicação da pergunta:—Atar.

ARMAZEM DE DROGAS

DE

JOAQUIM M. P. FALCÃO

42 — R. N. DO ALMADA — 44

LISBOA

Artigos para
fabricas de lanificios,
cortumes, louças e outros.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

VIDA DE LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

Segunda edição, com os retratos de Emilio Castelar e de Lord Byron.—1 vol. br., 500 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio á livraria Cruz Continho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande sortimento de livros para lyceus e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Albuns para desenho, poesia e retratos. Variada collecção de papeis communs e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romances e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pinceis, papel tela, vegetal, continuo e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographias, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de *toilette*, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE

Joaquim Fontes Pereira de Mello

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Collecção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

MACHINAS

SINGER

PARA COSER

As que teem obtido os primeiros premios em todas as exposições

A 500 RÉIS SEMANAES

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO — 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79 — AVEIRO

E em todas as capitaes dos districtos

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoria geral de hygiene da côrte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco.—Premiada com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICA legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e' de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 rèis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICO legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Pela Patria e pela Republica

Novo livro de Magalhães Lima com um prefacio de Latino Coelho

A' venda na LIVRARIA ACADEMICA, á praça do Commercio — Aveiro.

Preço 400 réis.

REMEDIOS DE AYER

VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer— O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer— O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Acido Phosphato de Horsford's

E' um agradavel e saudavel *REFRESCO.* Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, n.º 85, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodoas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

ENCADERNAÇÃO ACADEMICA

DE

J. PEREIRA CAMPOS & FILHO

60 — RUA DA VERA-CRUZ — 62

AVEIRO

N'esta officina executam-se quaesquer trabalhos concernentes á sua arte, taes como: brochuras, encadernações de luxo, pastas, carteiras, charuteiras, cigarreiras, douramento em seda e velludo e envernisação de mappas e estampas.

PREÇOS MODICOS

VENDE-SE

UMA propriedade de casas altas, situadas na rua de José Estevão, d'esta cidade, pertencentes á viuva de José Marinho Ribeiro.

Quem as pretender comprar póde dirigir-se á mesma viuva, residente na mesma cidade, na sua casa da rua do Alfena.

OS COMPANHEIROS DO PUNHAL

GRANDE ROMANCE DRAMATICO

Por L. STAPLEAUX

Terminado o vol. 1.º Preço, franco de porte, 600 réis. Todo e qualquer individuo póde assignar para este notavel romance, recebendo o numero de fasciculos que determine, por semana ou mensalmente.

1.ª edição.—Preço de cada fasciculo, para Lisboa 50 réis; para as provincias 60 réis.

2.ª edição.—Cada fasciculo em Lisboa, 20 réis; nas provincias, assignatura por 12 fasciculos pagos adeantadamente, 300 réis. Remessa em vale ou estampilhas á Nova Empreza Editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa

Os prospectos indicam os brindes a que tem direito todos os assignantes. Este romance conta em Portugal e Brazil 20:000 assignantes.

AOS FESTEIROS DE 1891

Francisco A. da Assumpção

ILHAVO

Tem no seu estabelecimento — o primeiro do genero em Ilhavo — um variado sortimento de bandeiras novas de differentes gostos, balões venezianos e á Crive, lanternas brancas e de côres, e escudos rodeados a ornatos.

Encarrega-se de adornar ruas, praças e arraiaes, fornecendo bandeiras, galhardetes e illuminação do ultimo gôsto.

Tem variado sortido de balões aereos, columnas, vasos illuminorios, etc.

Garante o maior esmero e perfeição na execução de todos os trabalhos, sendo os preços commodos e accessiveis.

EDITOR — FAUSTINO ALVES

Typ. do "Povo de Aveiro„